

JORNAL DO BRASIL

## Páscoa da infância

An 3

“Mudou o Natal ou mudei eu?”, já indagava o velho Machado, pergunta que se transformou quase em lugar comum, de tanto ser invocada.

Valho-me dela para recordar a Semana Santa. Nos meus tempos de infância ela era realmente de trevas. Da minha aldeia – e ninguém mais do que Faulkner e Gorki, em visões diferentes, reteve na criação literária a carga de todo o seu significado –, a lembrança que tenho desses dias enevoados pelo tempo, é da cor do roxo que cobria as imagens e do preto que vestia as mulheres.

Tudo ali cheirava ao Século XIX. A vida girava em torno da religião e da família. A face e o som mais visível eram os sinos, que tocavam alegria nas aleluias e dobravam nos finados. Era assim que eles começavam e terminavam a Semana, no clarão da Ressurreição.

Era como se Cristo estivesse sendo supliciado em Pinheiro e São Bento. As procissões do Bom Jesus da Cana Verde, as



JOSÉ SARNEY

PRESIDENTE DO SENADO

representações da Paixão de Cristo na Escola Paroquial, os lava-pés, as procissões do Encontro e do Senhor Morto e as cidades eram somente recolhimento e fé.

Os meninos eram proibidos de falar. As casas não deviam ser varridas e todos andavam, na minha memória, como sombras que deslizavam tristes, responsáveis pelo martírio do Cristo.

O jejum e a abstinência, a obrigatoriedade de alimentar-se somente de peixes, eram hábitos intransponíveis. Não era o bacalhau, das quaresmas portuguesas que herdamos, mas os peixes dos lagos que faziam a

beleza das águas naqueles campos, sempre peixes pequenos que Deus criou em abundância, como dizia Vieira, para alimentar os pobres que são muitos.

Meu avô, muitos anos depois, contava-me a história do bacalhau de Amarante, pequeno município à margem do médio Parnaíba. Encomendado pelo comércio local com antecedência de um ano, atravessava “os oceanos”, vindo de Portugal e, em Parnaíba, apanhava as gaiolas que distribuíam a mercadoria subindo rio acima. Por um desses atrasos de navios e gaiolas, o bacalhau, depois de longa viagem, chegou após a Semana Santa. Ninguém tinha mais motivo para comprá-lo. Então, os comerciantes, ante a ameaça da falência, procuraram o vigário para evitar a quebra: era preciso fazer uma nova Semana Santa. E assim foi feito. O comércio salvou-se, e o povo rezou mais sete dias.

E os Judas? A caça ao Judas começava nas noites da sexta-

feira com grande alvoroço e suspense. Saber quem os tinham feito e onde estavam escondidos. No Sábado de Aleluia, a malhação! Os ensaios do coro dos meninos que deviam anunciar a Ressurreição: “Prostrai-vos, ó mortais / Celebrai o Rei da Glória / Cantai, cantai / a Vitória/ de quem vos abre as prisões”.

Quando ouvi um meu secretário falar de minha agenda, e proclamar “vamos ter feriadão”, minhas estruturas quase desabaram.

A Páscoa da minha infância era sagrada, não tinha chocolates, só comunhão e confissão.

Mudou a Semana Santa. Mudaram os tempos e nós mudamos. Mas permanece eterno esse “mistério”, o mistério do Deus crucificado que encheu a minha vida e inspira a minha sempre fé. Tudo mudou, menos o menino Jesus da minha aldeia e o Cristo da minha vida.

José Sarney (PMDB-AP) escreve às sextas-feiras nesta página